



OS EREMITÉRIOS DE INNER FARNE E FINCHALE: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO DESERTO NO NORTE DA INGLATERRA NOS SÉCULOS XI E XII

Raimundo Carvalho Moura Filho¹

Mestrando em História na Universidade Federal de Goiás (UFG)

RESUMO

Neste artigo buscou-se discutir o processo de institucionalização de dois eremitérios na Nortúmbria, uma região que compreendia o norte da atual Inglaterra. Esses eremitérios, o de Inner Farne e o de Finchale, foram ocupados por eremitas, personagens históricos que gozavam de popularidade entre os seus contemporâneos devido a sua austeridade religiosa e poderes sobrenaturais que manifestaram durante as suas vidas e também no *post mortem*. Assim, pretendeu-se compreender as estratégias e os gestos institucionais do priorado beneditino de Durham no controle desses lugares sagrados entre os séculos XI e XII. As fontes principais de análise é a *Vida de São Godric*, a *Vida de São Godric de Throckenholt*, bem como cartas episcopais também do século XII e oriundas de também de Durham.

Palavras-chave: Eremitas; São Godric de Finchale; Monges; Eremitério.

ABSTRACT

This article aimed to discuss the process of institutionalization of two hermitages in Northumbria, a region that comprised northern England. These hermitages, Inner Farne's and Finchale's, were occupied by hermits, historical characters who enjoyed popularity among their contemporaries because of their religious austerity and supernatural powers which they manifested during their lives and also in the post mortem. Thus, it was intended to understand the strategies and institutional gestures of the Benedictine Priory of Durham in controlling these holy places between the 11th and 12th centuries. The main sources of analysis are the Life of Saint Godric, the Life of Saint Godric of Throckenholt, as well as episcopal letters from the 12th century and also from Durham.

Keywords: Hermits; Saint Godric of Finchale; Monks; Hermitage.

Introdução

Durante as últimas décadas do século XI e no curso do século XII, o priorado beneditino de Durham, que integrava a Catedral anglo-normanda da mesma diocese, na Nortúmbria, estabeleceu relações com eremitas que estavam em sua órbita. Esses ascetas eram de dois tipos: leigos de origens diversas, que não tinham ligações *a priori* com a instituição eclesiástica, como foi o caso de São Godric de Finchale, Godwin de Wolsingham e João de Yearhaugh. Ambos viveram entre a segunda metade do século XI e XII. O segundo tipo era composto pelos eremitas que saíram da própria comunidade monástica. Ou seja, este segundo grupo era integrado pelos monges do priorado de Durham que, em busca de uma maior austeridade religiosa, se tornaram eremitas.

O local por excelência da austeridade almejada foi a ilha de Inner Farne, na costa norte da ilha de Lindisfarne. Os monges-eremitas que saíram da comunidade em busca do ermo, o Inner Farne, tinham a autorização de seu superior em religião, o próprio prior. Já entre os eremitas leigos com os quais a comunidade de monges negros também desenvolveu relações, São Godric de Finchale (1067-1170), é o mais conhecido por ter sido alvo de uma narrativa hagiográfica. Escrita por um contemporâneo, o monge beneditino Reginald de Durham (?-1190), a *Vida de São Godric (VSG)* é uma hagiografia que buscou construir um modelo de santidade

que atendesse às aspirações e os estereótipos do que era ser santo. Composta no meio monástico, a *vita* buscou edificar um modelo de santidade ideal: a de um santo eremita intimamente ligado ao priorado de Durham. São Godric, registra o seu hagiógrafo, foi um mercador que depois se converteu à vida eremítica. A sua conversão ocorreu após ele visitar a ilha de Inner Farne e ali ter sido agraciado por uma visão de São Cuthberto (634-687), que o exortou a integrar a vida eremítica.

Essa experiência sobrenatural associada ao contato com a ilha despertou em São Godric, narra o seu hagiógrafo, o desejo pela vida de um asceta solitário. Ele teve duas experiências eremíticas antes de se estabelecer em Finchale,¹⁴⁶ localidade que ficava nas proximidades da comunidade beneditina de Durham. A primeira se deu na floresta de Carlisle, na Cumbria, a onde o asceta se alimentou de mel silvestre e ervas, e tinha como companhia animais selvagens. Algum tempo depois, São Godric foi para Wolsingham, mais ao norte de Durham e ali, outra vez em uma floresta, ele passou a viver entre animais e se alimentou de forma rústica. Nesta ocasião, por outro lado, ele teve como companhia Aelric, um eremita que já estava estabelecido na localidade, o que propiciou o desenvolvimento de relações entre os dois eremitas. Quando o velho e amigo eremita morreu, São Godric deixou o local e, algum tempo depois, partiu para Finchale a onde permaneceu até a sua morte, por volta de 1070.

Nas páginas seguintes, buscamos delinear os locais que, no norte da atual Inglaterra e sul da Escócia, assumiram um lugar de destaque entre a segunda metade do século XI e XII enquanto lugares de pobreza eremítica e penitência para uma multiplicidade de indivíduos, leigos e eclesiásticos que tinha propósitos ascéticos. Esses lugares foram evidenciados em textos como a *As Vidas dos Santos Abades (VSA)* e a *História eclesiástica (HE)*, narrativas atribuídas a Beda, o Venerável (673-735). A *Vida de São Godric* e cartas episcopais de Durham também evidenciam elementos relacionados aos imaginários sociais a respeito de lugares do norte associados à austeridade religiosa e a santidade eremítica. No âmbito desta pesquisa, nos concentramos particularmente em dois desses lugares: Inner Farne e Finchale.

Os usos do deserto no norte: Inner Farne

Além de Inner Farne, outras localidades do norte também gozaram de uma reputação de santidade, em grande medida devido às conexões que tinham com o passado de Ouro do cristianismo anglo-saxão. Assim era o caso de Jarrow e Wearmouth, que estavam localizadas na Nortúmbria e que foram mencionadas na *VSA* e na *HE*, enquanto locais de uma vigorosa organização monástica.

Esses documentos foram retomados no percurso dos séculos XI e XII, e na verdade

durante toda a Idade Média por autores eclesiásticos. Com efeito, tais narrativas estavam presentes na biblioteca da comunidade beneditina de Durham, que também continha mais de setecentos volumes de textos que pertenciam a categorias narrativas variadas, não apenas hagiográficas. Existiam textos crísticos, obras da coleção como a *Vitae Patrum*, volumes litúrgicos e crônicas, inclusive alguns escritos pelos próprios monges, como a *História eclesiástica* de Symeon de Durham (1060-1129). Além de Symeon, Marence de Durham, outro monge da comunidade, que foi comparado pelos seus contemporâneos a Beda, devido a sua reputação de escritor, teve ele três textos seus preservados na biblioteca: os *Sermones Mauricii* ¹⁴⁷ *qui sic incipiunt, Festum super festum, in uno vol;* a *Epistole Maurieii in uno vol* e o *Libri Maurieii scilicet Specula monastice religionis & Apologia eiusdem & itinerarium pacis & Rithmus eiusdem & de translatione corporis S. Cuthberti in 1º uol.*ⁱⁱ (POWICKE, 1921, p.19-20; TUDOR, 1994, p.37-40).

Com essa visão panorâmica, reforçamos que o acervo da biblioteca monástica contribuiu para a preservação dos relatos sobre as experiências religiosas de personagens veneráveis e de importância capital para rememoração dos antigos centros de vida monástica do norte, como Lindisfarne, Inner Farne, Jarrow e Wearmouth, para citar apenas alguns, os mais conhecidos. É digno de nota que o primeiro volume que o bispo Guilherme de

Saint-Calais doou à comunidade em 1083, no ano de sua fundação, foi a *HE* de Beda, narrativa cuja importância no XII foi evidenciada pelas diversas cópias de manuscritos preservados não apenas em Durham, mas por diversas partes da Inglaterra. Outros textos que também integraram o registro de experiências religiosas de não menos importância foram a *Vitae Patrum*, que é uma compilação hagiográfica traduzida do grego para o latim que começou a circular no Ocidente no século IV d.C. Essas narrativas que abordam as experiências dos Padres do Deserto e de santos anglo-saxões, também contribuiu para o desenvolvimento e os usos da ideia e do ideal de deserto no norte.

Após esse breve resumo sobre o arcabouço, parcial, de alguns dos textos fundamentais disponíveis em Durham e que incrementou as concepções sobre a vida regular e eremítica, se faz necessário agora discutir os motivos que estiveram envolvidos nas preocupações dos beneditinos, no curso do século XII, em relação a dois desertos do norte: o de Inner Farne e o de Finchale. Ambas as localidades foram ocupadas, em níveis variados, por eremitas que tiveram relações com o priorado de Durham, como os monges-eremitas de Inner Farne e São Godric, o eremita leigo de Finchale que depois foi elevado ao *status* de monge associado.

Quando ainda era um mercador, São Godric foi a Inner Farne, que era uma ilha sagrada para os nortumbrianos e que estava

ligada ao culto de santos anglo-saxões. O *status* de santidade da localidade possibilitou que ela se tornasse, desde o século VII, um dos principais centros de peregrinação do norte e a sua importância estava associada particularmente ao itinerário de São Cutedberto (634-687), que foi um eremita e santo. Segunda Beda, São Cutedberto retirou-se para a ilha quando ainda era um monge em Lindisfarne. A retirada do anglo-saxão a ilha buscou atender aos seus propósitos de uma maior austeridade religiosa:

Quando permaneceu alguns anos no mosteiro [de Lindisfarne], [Cutedberto] ficou contente por finalmente poder, com a bênção do abade e dos irmãos que o acompanhavam, retirar-se para o segredo da solidão que tanto cobiçara. Mas quando ele por algum tempo lutou com o adversário invisível com oração e jejum nesta solidão, ele então, visando as coisas mais elevadas, procurava um campo mais distante para o conflito e mais distante dos olhos dos homens [em Inner Farne]. (*VMSC*, Cap. XVII). O grifo é nosso.

148

A busca por um maior isolamento constitui parte do ideal eremítico enquanto busca de uma maior intimidade com o sagrado. O historiador L. G. Baker (1970, p.03-05) enfatizou que os usos das narrativas anglo-saxônicas, como os escritos de Beda, estiveram intimamente conectados ao processo de renascimento monástico na Inglaterra nos séculos XI e XII. Ou seja, a reintrodução da vida regular na Nortúmbria pode ser explicada como um impulso interno, em grande medida incentivado pelos grandes centros monásticos do sul, que não foram ou o foram de forma menos acentuada em relação ao norte da Inglaterra,

atingidos pelas invasões nórdicas dos séculos IX e X. Entre os centros monásticos do sul, as abadias de Worcester, em Worcestershire e de Winchcombe, em Gloucestershire permaneceram como modelos de preservação da cultura anglo-saxônica. Assim, três religiosos, Aldwin, de Winchcombe, e dois monges beneditinos da mesma comunidade, Aelfwig e Reinfrid, abandonaram as suas casas monásticas, e se dirigiram ao norte. Esse empreendimento, que foi inspirado nas leituras de *HE*, resultou na fundação de casas monásticas logo nos primeiros anos após a chegada dos religiosos na Nortúmbria (no norte) na década 1070 e evidencia o alcance da rememoração e a valorização do passado pré-normando, notadamente o culto de São Cutedberto.

Esses três religiosos foram reconhecidos, no curso do século XII, como importantes líderes

espirituais, como pode ser evidenciado em cartas bispais disponibilizadas na *Durham University Library*, um projeto da Universidade de Durham que possibilita o acesso público a documentos medievais relativos à história da comunidade beneditinaⁱⁱⁱ.

A retirada desses três monges para o norte significou o desejo de reviver os principais locais associados à tradição do cristianismo anglo-saxônico, como os mosteiros de Whitby, Melrose, Monkwearmouth e Jarrow. Nos períodos anteriores, as incursões nórdicas contribuíram para a destruição desses principais centros de vida monástica. Com efeito, o interesse dos monges-eremitas saídos do sul da Inglaterra estava associado ao restabelecimento, com o **149** apoio de prelados normandos, de níveis variados de vida regular na Nortúmbria, a partir das ruínas de antigos estabelecimentos monásticos.



Mapa 01. Mapa representativo da Inglaterra no século XI, no reinado de Guilherme I (1028-1087). Em destaque, na parte superior do mapa, o condado de Durham, norte da região. Disponível em:

https://legacy.lib.utexas.edu/maps/historical/shepherd/williams_dominions_1087.jpg . Acesso em: 28.06.2019

A fundação do priorado beneditino de Durham em 1083 se inscreveu nessa dinâmica do restabelecimento de comunidades monásticas no norte. Assim o priorado no século XII, que era ainda uma comunidade monástica jovem, preservou as tradições eremíticas que lhe antecederam. Portanto, o apoio a alguns dos monges da comunidade para viverem uma vida de austeridade eremítica em Inner Farne buscou emular o exemplo de São Cuthberto e também dignificou a sua própria história de fundação, relacionada em grande medida às ações dos líderes Aldwin, Aelfwig e Reinfrid, que também foram monges e eremitas.

Aliás, como parte que fazia do imaginário religioso, cuja tradição foi construída desde pelo menos a Alta Idade Média com as histórias milagrosas de São Cuthberto registradas por Beda, a *Ilha Sagrada de São Cuthberto* (Inner Farne) foi objeto de peregrinações empreendidas por um público mais amplo, e não apenas monástico. A localidade fazia parte das crenças compartilhadas pelos fieis, tanto leigos como eclesiásticos, e a presença de monges beneditinos no curso do século XII corroborou para o processo de legitimação das conexões entre a comunidade monástica e o culto a São Cuthberto, cujas relíquias estavam preservadas

em Durham. O interesse na associação com o santo anglo-saxão significou o aumento do prestígio espiritual da jovem comunidade beneditina. Além do mais, o envio de monges a Inner Farne para integrarem a vida eremítica reforçou a ideia do comprometimento beneditino com a austeridade religiosa, e o *status* de santidade da ilha certamente aumentou devido à presença dos servos de Deus.

Em um episódio capital para a conversão de Godric de Finchale a vida eremítica, é evidenciado a dimensão que a ilha ocupou no imaginário religioso da época. Como foi evocado nas páginas acima, ao chegar em Inner Farne, São Godric teve uma visão de São Cutedberto:

No caminho, ele muitas vezes tocou na ilha de Lindisfarne, onde São Cutedberto tinha sido bispo e na ilha de Farne, onde aquele Santo tinha vivido como uma eremita, e onde São Godric, como ele mesmo poderia dizer depois, passou a meditar na vida do santo com lágrimas abundantes. Daí ele começou a ansiar por solidão. (VSG, p. 420).

A partir de então, Godric passou a ansiar pela vida solitária e ascética. O eremita se estabeleceu em Finchale depois de breves períodos de experiência eremítica nas florestas de Carlisle e Wolsingham, respectivamente. Com a permissão de Ranulf Flambard (1060-1128), o então bispo de Durham, Godric construiu o seu oratório em Finchale por volta de 1112/1113 e nessa localidade o asceta permaneceu até os seus últimos dias de vida. Devido a proximidade com a comunidade monástica de Durham, o eremitério de Finchale

proporcionou interações entre São Godric e os monges negros, bem como com a comunidade de leigos.

Enquanto a Inner Farne, além dos peregrinos leigos que foram atraídos para ilha devido ao seu *status* de santidade, os monges de Durham, como Aelwin de Durham, São Bartolomeu de Farne e Thomas de Durham, também se dirigiram a localidade no século XII para viverem como eremitas. A retirada da vida no cenóbio para a ascese eremítica representou a troca de uma vida intramuros, marcada pela segurança e conforto, pela austeridade religiosa. Circundada pelo tempestuoso Mar do Norte e marcada pela escassez de alimentos devido ao seu relativo isolamento, a *Ilha Sagrada de São Cutedberto* representava o ideal de austeridade para os beneditinos. 151

Em considerações sobre os gêneros de monges na *Regra de São Bento (RSB)*, a definição de ser eremita aparece ao lado da definição de cenobitas, depois seguidas pelos sarabaítas e giróvagos, sendo esses dois últimos gêneros condenadas devido a sua não submissão a uma regra e por não terem um estabelecimento fixo. São Bento registrou na sua *Regra* que os anacoretas ou eremitas dizem respeito àqueles (monges) que já estavam “seguros para a luta isolada do deserto”. (*RSB, Cap. I*). Assim, se o empreendimento da retirada eremítica não constituiu uma exigência mesma para todos os que optaram pela vida intramuros, não deixou de constituir uma dimensão importante da evolução

espiritual da vida em comunidade. Os monges, portanto, inclusive dos de Durham, conheciam e reconheciam a vida eremítica, embora certamente não foram todos os cenobitas que de fato buscaram praticar esse ideal em algum momento de suas vidas.

Segundo Jacques Le Goff (1994, p.94-8), no imaginário medieval os bosques, as florestas, as ilhas e as cavernas foram eleitos, em analogia com as vastas áreas áridas do Oriente, como um lugar de fuga e de oposição ao mundo e à sociedade organizada. O historiador Dominic Alexander (2000, p.203-04) ao estudar os elementos da cultura popular no século XII a partir de textos hagiográficos, apontou que a principal característica que distinguiu os eremitas do restante do social foi a sua austeridade alimentar, que era baseada em alimentos não cultivados e composta essencialmente por raízes e frutos.

A historiografia recente tem tomado como ponto de partida a dimensão social e ativa da vida eremítica, bem como a multiplicidade do eremitismo medieval, como foi evidenciado por Jacqueline Duff (2011, p53-60) e Gabriel Castanho (2009, p.222). De forma resumida, destaca-se que os eremitas não viviam em um isolamento absoluto e estabeleciam níveis variados de relações com a sociedade. O desejo pela reclusão, que foi evidenciado pelo estabelecimento nas florestas ou em celas individuais ligadas a mosteiros, não impediu os contatos com o mundo exterior, como pode ser

evidenciado pela heterogênea massa de pessoas que se reuniram em torno de eremitas pregadores, como foi o caso de Bernardo de Tiron (1046-1117) e Robert de Arbrissel (1047-1117), para citar alguns exemplos fora do contexto geográfico da Inglaterra.

De um ponto de vista da geografia física, Inner Farne atendia às exigências daqueles que buscavam a ascese e o isolamento. Mesmo nesses locais mais afastados, no entanto, como pode ser evidenciado pela atuação dos monges-eremitas, as visitas de leigos, em grande medida atraídos pelo culto a São Cutedberto, exigiu dos religiosos que estavam estabelecidos na ilha uma sociabilidade, pois prestaram assistências aos doentes e aos pobres. Aliás, a presença dos beneditinos na localidade contribuiu para o incremento das peregrinações de leigos, uma vez que os milagres associados à agência de São Cutedberto passaram a ser observados pessoalmente pelos monges advindos de Durham, o que contribuiu para a difusão dos relatos sobre a fama de santidade de Inner Farne.

Assim, Geoffrey, um monge de Durham do século XII, registrou na *Vida de Bartolomeu*, uma narrativa hagiográfica sobre São Bartolomeu de Farne, milagres, curas e libertação de possuídos em Inner Farne atribuídos a agência de São Cutedberto. O pesquisador Edmund Craster (1952, p.05-6) encontrou entre os fólios 4843 da coleção *Harleian*^{iv}, registros sobre histórias milagrosas, obtidas de São Bartolomeu (mas não por meio de

seu hagiógrafo). Os fólhos foram copiados por um monge de Durham no século XVI e é acompanhado por cópias de outros relatos do século XII, como o *Libellus de admirandis Sancti Cuthberti virtutibus* de Reginald (que é também autor da *VSG*) e *A Vida de Bartolomeu* de Geoffrey.

Os usos de Finchale: de eremitério a dependência monástica

Ao contrário de Inner Farne, Finchale não desenvolveu uma reputação de santidade até pelos menos a segunda metade do século XII. Isso se deveu ao fato de que a localidade não estava diretamente ligada aos locais sagrados relacionados à trajetória de santos populares, como Inner Farne estava conectada à história de São Cuthberto. Assim, a inserção de Finchale no rol dos interesses monásticos se deu a partir 1112/1113, momento em que São Godric se estabeleceu e construiu o seu oratório.

Narra a *VSG* que ao chegar em Finchale, São Godric se deparou com um lugar inadequado para a habitação humana, uma vez que era desolado e repleto de animais selvagens. Essas imagens veiculadas na *vita* remetem aos *topoi* dos eremitérios enquanto lugares de refúgio e ao mesmo tempo selvagem, cuja transformação em lugar de habitação e, no caso aqui analisado, de santidade, se deu pela mediação do eremita. Essa dimensão transparece na *VSG* quando o asceta manifestou o primeiro milagre, que esteve

relacionado justamente à domesticação da natureza:

[São Godric] Foi repentinamente assaltado por um lobo de enorme tamanho que veio correndo ferozmente para ele, desnudando suas presas, e parecendo ao mesmo tempo assustador e hediondo, querendo comê-lo vivo ou destruí-lo. **Mas Godric viu isso não como um lobo, mas o próprio Diabo.** Ele ergueu a mão e, com o sinal da cruz, disse: "Conjuro-te em nome da Santíssima Trindade, para que não me faça mal, e seja o primeiro a sair daqui - e depressa." Com estas palavras, o **animal jazia prostrado aos pés do homem e foi embora encolhendo-se.** Posteriormente, Godric declarou que nunca antes havia visto um **monstro de tal tamanho e ferocidade, e nunca duvidou, por um momento, que era o Diabo. Ele viu sua agressão como um sinal certo de que esta era a arena na qual ele estava destinado a lutar contra o inimigo.** (*VSG*, p. 44) O grifo é nosso.

Nota-se que a incompatibilidade do lugar 153 para presença humana não constituiu uma barreira para o eremita. Ao contrário, as inconveniências, como os espinhos e o lobo selvagem foi um sinal de que era ali que São Godric deveria travar o combate com o Diabo e alcançar a solidão almejada. Em vez da natureza bravia de Finchale constituir um empecilho aos anseios ascéticos, tornou-se um local adequado para o eremita.

No medievo, as relações entre santos e animais são representadas de formas ambivalentes. Às vezes, como no caso de São Godric, certos animais, como o lobo, foram percebidos como a representação material de demônios; em outras ocasiões, os animais também poderiam ser percebidos como sinais da presença divina. Com efeito, podemos citar o caso de outro eremita do século XII e também

ele nomeado de Godric de Throckenholt, um asceta que viveu em Throckenholt, nas proximidades da abadia de Thorney, em Cambridgeshire. Em dois episódios, registrados na *Vida de São Godric de Throckenholt (VSGT)* são evidenciados a relação positiva do hagiografado com os animais. O primeiro episódio indica a providência de alimentos nas circunstâncias em que Godric ora a Deus para que as pessoas que o ajudaram na construção do seu recinto não percessem de fome. Nesse momento, um cervo apareceu e foi considerado como alimento. No segundo episódio, e mais uma vez em seu oratório, uma forte luz iluminou o recinto e, envolto na luz, apareceu uma pomba que trouxe a seguinte mensagem para o eremita:

[...] Vi [para você] preparado tal alegria como ninguém pode imaginar ou descrever; se você persistir e permanecer firme até o fim, o céu será a sua recompensa”. Então, enquanto ele observava, a luz seguiu para o leste, e Godric depois disso levou uma vida mais rigorosa. (VSGT, p.35). O grifo é nosso.

Assim como a *VSG*, a *VSGT* é um texto hagiográfico que trajetória de um eremita que foi considerado santo, embora não canonizado. Não há uma atribuição ao autor da *VSGT*, mas presume-se que a *vita* tenha sido escrita por um monge da abadia beneditina de Thorney no século XII. No curso desse período, os monges e o eremita estabeleceram relações, o que culminou na incorporação do eremitério às propriedades da abadia após a morte de Godric de Throckenholt. A *vita* aparece integrada a uma

série de cartas que registram as propriedades da abadia, e o seu conteúdo foi uma forma de honrar aquele que ocupou uma dessas propriedades, o eremita. (LICENCE, 2006. p.15).

As peculiaridades das relações dos ascetas com animais, tanto no caso de São Godric de Finchale como no de São Godric de Throckenholt não constituiu um aspecto de menor importância na imagem que os hagiógrafos desejaram transmitir de seus heróis da fé. A mensagem veicula que em ambas as localidades, os ascetas foram capazes, com o apoio divino, de realizar proezas sobrenaturais.

Em ambos os casos, tanto no do eremita de Finchale como no de Throckenholt, os hagiógrafos buscaram lançar as bases de um culto local, associado à trajetória dos heróis e do seu eremitério. O eremitério passou a ser considerado, em termos de austeridade, um local de santidade controlado pelos promotores do culto ao santo eremita *no post mortem*. No caso de Godric de Finchale, os promotores eram os próprios monges de Durham que também foram os hagiógrafos do santo eremita. Com efeito, os cenobitas despenderam esforços no sentido de institucionalizar o local outrora ocupado por personagem que ganhou notoriedade entre os seus contemporâneos de um modo geral.

Aos propósitos dos hagiógrafos ou dos beneditinos, corroboraram a divulgação das histórias miraculosas por meio da *VSG*, enquanto elementos simbólicos, como no caso das relações

entre animais e o eremita. O registro desses eventos buscou lembrar ao público, os leitores e os ouvintes da *vita*, que os santos eram eminentemente os condutores da graça para o restante do social. (ALEXANDER, 2008, p.03-4). Assim após a morte de São Godric, os monges de Durham empreenderam a fundação de uma dependência monástica em Finchale, gesto que manifestou o interesse institucional pela localidade. Esse foi um processo semelhante ao conduzido em Inner Farne que, como evidenciamos, o priorado estabeleceu uma dependência monástica em meados do século XII, e para onde enviou monges da própria comunidade para integrarem a vida eremítica. Por outro lado, o antigo eremitério de Finchale, requisitou, no processo de sua evolução para uma dependência monástica, um esforço de legitimação por parte do priorado de Durham.

De outra forma, a aquisição de um eremitério outrora ocupado por um eremita que não saiu dos quadros da própria comunidade monástica, não se constituiu em algo linear e homogêneo. Após relutâncias com então bispo de Durham, o normando Hugh de Le Puiset (1123-95), os beneditinos enviaram alguns de seus monges, inicialmente dois ou três, para se estabelecerem em Finchale. Ali os cenobitas tinham como função imediata preservar a localidade e recepcionar os visitantes que foram atraídos pelas histórias milagrosas associadas a São Godric. Evidências nesse sentido transparecem em uma série de cartas^v, que

abrange um período de tempo que compreende as últimas décadas do século XI até a dissolução dos mosteiros na Inglaterra, no século XVI. A presença dos monges no eremitério para assegurar a posse do local, significa que o legado do eremita estava em disputa e que poderia ser contestado por uma autoridade leiga ou por outra casa monástica estabelecida igualmente nas proximidades, como foi o caso dos cistercienses de Newminster.

As cartas supracitadas foram, em alguns casos, mantidas em Durham e outras em Finchale. Em um desses testemunhos que não é datado, mas que não ultrapassa os limites do século XII, São Godric e o seu antigo eremitério são postos ao lado de referências a Deus e a São Cuthberto. Assim, nas circunstâncias em que um morador de Durham, chamado de John de Burdon concedeu, com o “consentimento de sua esposa, Petronilla, e seus herdeiros” ao priorado de Durham, “2 acres [de terra] no vilarejo de Burdon” em honra de “Deus, São Cuthbert, St. Godric, e o eremitério de Finchale”. (*1.1.Finc.17*). Em outra carta, as referências aparecem de forma semelhante. Outro morador de Durham, nomeado Guilherme, concedeu “para a alma dele, para Deus, São Godric e os monges de Durham em Finchale”, um acre de terra arável a leste do vilarejo de Brandon. (*1.1.Finc.20*).

O destaque que São Godric e seu eremitério receberam nas concessões, seja por meio de isenções de taxas ou pelas esmolas

concedidas por leigos, evidenciam a proeminência e o *status* institucional que o seu antigo eremitério assumiu. Em outra carta, o nome de São Godric é evocado e colocado ao lado de Deus, de São Cuthbert e de São João Batista, sendo este, vale lembrar, um eremita consagrado pelos textos bíblicos. Um leigo chamado de Walter de Audre concedeu,

Em esmolas gratuitas, a Deus, São Cuthbert [...], ao prior e aos monges de Durham servindo a Deus, **São João Batista** e abençoado Godric em Finchale, onde ele [Audre] e Constance, sua esposa escolheram ser enterrado, para a manutenção de 2 monges lá para ele, sua esposa e amigos, e para a alimentação de 100 pobres lá anualmente em seu aniversário. (1.1.Finc.26a). O grifo é nosso.

Institucionalmente reconhecido e controlado pelos beneditinos de Durham, o antigo eremitério de Finchale, que nasceu do desejo simples de um eremita de origem leiga, tornou-se um local que exerceu atração sobre os seus contemporâneos. Os leigos de origens diversas, por intermédio dos monges de Durham, visitavam o local e, na busca pela salvação, doavam esmolas e rogavam para os monges para que os seus nomes fossem colocados no livro das orações, o *Liber Vitae* de Durham. Este é um documento que registra, entre outros aspectos, os nomes dos benfeitores e dos visitantes da comunidade. O *Liber Vitae* foi confeccionado originalmente no século IX, em Lindisfarne e, a partir do estabelecimento dos beneditinos em Durham, ele foi realimentado continuamente até o século XV.

Considerações finais

A investigação conduzida e exposta neste artigo demonstrou alguns dos lugares da Nortúmbria, no norte da atual Inglaterra, que assumiram uma posição de relevância na espiritualidade entre os séculos XI e XII. Entre essas localidades, Inner Farne e Finchale, cada qual com as suas particularidades, foram objetos de peregrinação e também foi alvo dos interesses eclesiásticos, em particular o monástico.

Os beneditinos de Durham, a comunidade monástica que desenvolveu níveis variados de relacionamento com ambas as localidades,¹⁵⁶ manifestaram o interesse na popularidade dos eremitas que se estabeleceram em Inner Farne e Finchale. Esses interesses institucionais foram assumidos em esforços no sentido da institucionalização de ambas as locais, uma dinâmica que foi evidenciada pela posse conventual e também pelo incentivo à piedade leiga, evidenciado pela divulgação de histórias milagrosas a partir da *vitas*. Esses gestos institucionais em relação ao controle dos lugares ocupados por personagens que eram percebidos como dotados de poderes diversos, que no caso eram os eremitas, indica ainda que os benefícios para a casa monástica foram sociais e econômicos, uma vez que a posse conventual desses locais associados à santidade eremítica

constituiu-se como uma fonte de devoção popular e, portanto, de peregrinações.

REFERÊNCIAS

1. Documentação

COULTON, George. **Life of Saint Godric**. In: Social life in Britain from the Conquest to the Reformation. London: Cambridge University Press, 1918, p. 415-420.

CARTA DE RANULF FLAMBARD (2.1.Pont.1). In: Durham Cathedral Muniments: Pontificalia. Durham University Library: Archives and Special Collections.

DURHAM CATHEDRAL MUNIMENTS: PONTIFICALIA. Carta: 3.1.Pont.1.

DURHAM CATHEDRAL ARCHIVE: FINCHALIA. Cartas: 1.1.Finc.17, 1.1.Finc.20, 1.1.Finc.26a e 2.1.Pont.8.

HALSALL, Paul. **The life and miracles of St. Cuthbert, Bishop of Lindesfarne (721)**. In: Medieval Sourcebook, 1997. Disponível em: <<https://sourcebooks.fordham.edu/basis/bede-cuthbert.asp>> Último acesso: 11 de Mai. De 2019.

_____. **The Lives of The Holy Abbots of Weremouth and Jarrow Benedict, Ceolfrid, Easterwine, Sigfrid, and Huetberht**. Disponível em: <<https://sourcebooks.fordham.edu/basis/bede-jarrow.asp>>. Último acesso: 01 de Mai. De 2019.

STEVENSON, Joseph. **Libellus de Vita et Miraculis S. Godrici, Hermitage de Finchale Auctore Reginaldo Monacho Dunelmensi**. Ed. J.B. Nichols and Son. London: Surtees Society, 1847.

2. Historiografia

AIRD, William M. **The Origins and Development of the Church of St Cuthbert, 635-1153, with special reference to Durham in the period circa 1071-1153**. (Tese University of Edinburgh), 1991.

ALEXANDER, Dominic. **Saints and Animals in the Middle Ages**. 1º Ed. Woodbridge: Boydell Press, 2008. 157

ARSUAGA, Ana. O santuário como mediador: Inglaterra, Castela e a peregrinação a Compostela. In: BULLÓN-FERNÁNDEZ, María. **A Inglaterra e a península Ibérica na Idade Média: séc. XII-XV**. Intercâmbios culturais, literários e políticos. Portugal: Publicações Europa-América, 2008.

BAKER, L.G.D. The desert in the North. **Northern History**. v.5, n. 1, p.1-11. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1179/nhi.1970.5.1.1>>.

Acesso em: 04 de Jan. de 2019.

CASTANHO, Gabriel Godoy. *Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram: gênese historiográfica do eremitismo medieval*. **História da historiografia**, n. 02, mar., 2009, p.220-232. Disponível em:

<<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/14>> Acesso em: 28 de Mar. de 2019.

CRASTER, H.H.E. The Miracles of St Cuthbert at Farne. **Analecta Bollandiana** v.70, pp. 5-19, 1952. Disponível em

<<https://doi.org/10.1484/J.ABOL.4.01087>>

Acesso em: 03 de Jun. de 2019.

DUFF, Jacqueline. **Hermits, recluses and anchorites: a study of eremitism in England and France c. 1050-c. 1250**. Tese de doutoramento. (Faculty of Humanities. History). 2012.

HEAD, Thomas. **Hagiography and the Cult of the Saints: The Diocese of Orleans, 800-1200**. Cambridge: University Press, 1990.

_____. **Hagiography**. Cambridge: University Press, 1997.

BATES, David. The Forged Charters of William the Conqueror and Bishop William of St Calais. . In: ROLLASON, David; HARVEY, Margaret; PRESTWICH, Michael. **Anglo-norman Durham: 1093-1193**. Woodbridge: Boydell & Brewer, 1944, p.111-125.

BURTON, Janet. The Monastic Revival in Yorkshire: Whitby and St Mary's, York. In: ROLLASON, David; HARVEY, Margaret; PRESTWICH, Michael. **Anglo-norman Durham: 1093-1193**. Woodbridge: Boydell & Brewer, 1944, p.01-24.

LEYSER, Henrietta. **Hermits and the New Monasticism. A Study of Religious Communities**

in **Western Europe, 1000-1150**. London: Macmillan, 1984.

LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. (Trad.).Lisboa: Estampa, 1994

LECLERCQ, Jean. The Monastic Crisis of the Eleventh and Twelfth Centuries. In: LECLERCQ, Jean. **Cluniac Monasticism in the Central Middle Ages**. London: Macmillan Press, 1971, p.217-238.

MORIN, Germain. Rainaud l'Ermitte et Ives de Chartres: un episode de la crise du Cenobitisme au XI-XII siècle. **Revue Bénédictine**. v. 40, 1928, p. 99-115.

MAYR-HARTING, Henry. Functions of a Twelfth-Century Recluse. **History**. v.60, iss.200, p.337-352, 1975. Disponível em: [158](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-229X.1975.tb02042.x)
<<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-229X.1975.tb02042.x>> Último acesso: 28 de Abr. 2019.

Matthew, Donald. Durham and the Anglo-Norman World. In: ROLLASON, David; HARVEY, Margaret; PRESTWICH, Michael. **Anglo-norman Durham: 1093-1193**. Woodbridge: Boydell & Brewer, 1944, p.01-24.

PHIPPS, Colin. Romuald - model hermit: eremitical theory in saint Peter Damian's Vita Beati Romualdi, chapters 16-27. **Studies in Church History**. v. 22, pp. 65-77, 1985. Disponível em: <<https://doi.org/10.1017/S0424208400007889>> . Acesso em: 08 de Mai. de 2019.

TUDOR, Victoria. Durham Priory and its Hermits in the Twelfth Century. In:

ROLLASON, David; HARVEY, Margaret; PRESTWICH, Michael. **Anglo-normam Durham: 1093-1193**. Woodbridge: Boydell & Brewer, 1944, p.67-78.

_____ Reginald of Durham and Saint Godric of Finchale: Learning and religion on a personal level. **Studies in Church History**. v.17, p.37-48, 1981. Disponível em: <<https://doi.org/10.1017/S042420840001024X>>. Acesso em: 28 de Jun. de 2018.

NOTAS

ⁱ É graduado em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). É Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela mesma Universidade. Mestrando e bolsista CAPES no PPGH da Faculdade de História na Universidade Federal de Goiás (UFG). É Membro/pesquisador do Núcleo de Estudos Multidisciplinares de História Antiga e Medieval NEMHAM-CNPq/UEMA e do Laboratório de Estudos Medievais/ LEME/UFG.

ⁱⁱ A biblioteca comportou também coleções de obras clássicas, bem como livros sobre ciência natural e medicina.

ⁱⁱⁱ Cartas: *1.1.Pont.1a; 1.1.Pont.2a e 1.1.Pont.3a*.

^{iv} Preservado no *Museu Britânico*.

^v As referidas cartas são identificadas na *Durham University Library* como: *1.1.Finc.17, 1.1.Finc.20, 1.1.Finc.26a e 2.1.Pont.8*.

Recebido em: 10/08/2019.

Aprovado em: 23/08/2019.

Publicado em: 31/08/2019.